

Masculinidade, projeto e poder entre bate-bolas do Rio de Janeiro

TAYNÁ MARTINS RIBEIRO 

Universidade Federal Fluminense | Niterói, RJ, Brasil

tmribeiro.20@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe192647

resumo Este artigo se propõe a pensar uma masculinidade a partir de uma perspectiva processual. O texto procura desdobrar experiências etnográficas do autor junto a uma turma de bate-bolas da cidade do Rio de Janeiro, dedicando especial atenção ao exame de uma série de estratégias individuais e coletivas realizadas por membros dessa coletividade em seus processos de construção de gênero. Dessa forma, algumas questões buscam ser respondidas ao longo do artigo: há, de fato, uma masculinidade partilhada pelos membros do grupo estudado? Que estratégias são traçadas por esses sujeitos visando a construção de suas masculinidades? Conclui-se que a participação nesses coletivos é uma importante fonte de identidade para uma parcela significativa dos homens que habitam o subúrbio carioca.

palavras-chave Masculinidades; Projeto; Poder; Bate-bolas; Subúrbio carioca.

Masculinity, project and power between bate-bolas in Rio de Janeiro

abstract This article proposes a debate about masculinity from a process-based perspective. The text seeks to unfold the author's ethnographic experiences with a group of bate-bolas from the city of Rio de Janeiro, paying particular attention to examining a range of individual and collective strategies carried out by members of this collective in their processes of gender construction. Thus, some questions seek to be answered throughout the article: is there, in fact, a masculinity shared by the members of the studied group? What strategies are traced by these subjects aiming at the construction of their masculinities? It is concluded that participation in these groups is an important source of identity for a significant portion of men who live in the suburbs of Rio de Janeiro.

keywords Masculinities; Project; Power; Bate-bolas; Carioca Suburb

Introdução

Este artigo propõe uma perspectiva de análise processual sobre uma masculinidade. Para tanto, dedicarei especial atenção ao exame de uma série de estratégias individuais e coletivas realizadas por diferentes sujeitos em seus processos de construção de gênero. O texto procura desdobrar experiências etnográficas do autor junto a uma turma de bate-bolas, manifestação carnavalesca característica do subúrbio do Rio de Janeiro – região tradicionalmente habitada pelas camadas médias e periféricas do município –, apontando essa coletividade como um espaço singular de homosociabilidade.

As turmas de bate-bolas se destacam por um aspecto em especial para esse artigo: trata-se de um universo composto quase que exclusivamente por homens. São milhares de indivíduos que promovem atividades regulares, tais como encontros sociais e reuniões, nas quais compartilham experiências entre seus pares. Essas práticas, mesmo estando vinculadas



e192647

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v31i1pe192647>

ao carnaval carioca, ultrapassam os limites temporais da festa e se estendem ao longo de todo o ano, de modo que esses sujeitos mantêm uma rede de relações responsável por fundamentar suas ações mesmo fora dos períodos momescos. Dessa forma, algumas questões se sobressaem: há, de fato, uma masculinidade partilhada pelos membros do grupo estudado? Como as atividades da turma de bate-bolas são permeadas e permeiam noções de gênero? Que estratégias são traçadas por esses sujeitos visando a construção de suas masculinidades? Buscarei responder essas perguntas ao longo do artigo.

O texto está estruturado em quatro seções: em um primeiro momento, busco estabelecer um diálogo com parte dos estudos sobre as masculinidades a partir de uma perspectiva processual, fundamental para a análise que exerço nas páginas seguintes; na segunda seção, descrevo a manifestação dos bate-bolas, temática pouco abordada dentro das ciências sociais, que em sua bibliografia costuma privilegiar um viés folclórico. A dimensão festiva/carnavalesca da manifestação não esgota o debate, de modo que as relações interpessoais e intergrupais assumem o destaque nesse artigo; por fim, as seções seguintes são compostas pelo exame de meus dados etnográficos junto a uma turma de bate-bolas do subúrbio carioca. Nelas buscarei descrever as atividades do grupo e demonstrar como elas são permeadas por certa noção de masculinidade. Esse ideal masculino, partilhado pelos integrantes do coletivo, espelha um horizonte que demanda uma série de estratégias para ser alcançado, estratégias essas que estarão no centro da análise.

Masculinidades, projeto e poder

Esse artigo tem como objeto uma noção de masculinidade partilhada por homens pertencentes a um coletivo denominado de turma de bate-bolas. Proponho aqui uma perspectiva de análise sobre as construções de gênero de meus interlocutores a partir de seu caráter dinâmico, de forma que buscarei descrever uma série de estratégias de construção de masculinidade que esses fazem uso no âmbito de suas participações na coletividade estudada. Ao abordar a temática das masculinidades, ressalto que a constituição destas não se dá por meio de uma oposição direta a um modelo de feminilidade. Trata-se de relações de poder, hierárquicas e desiguais, entre masculinidades e feminilidades, bem como entre masculinidades. Como salienta Welzer-Lang (2001), as relações de poder entre gêneros também se estruturam transversalmente, de forma que certos homens também exercem poder sobre outros homens. A negação de uma pretensa homogeneidade masculina é aqui fundamental. As masculinidades são múltiplas, multifacetadas, e mantêm, inevitavelmente, interações profundas com outros modelos masculinos culturalmente aproximados.

Parte-se do pressuposto de que as masculinidades são dimensões da vida humana derivadas de contextos sócio-históricos, estando sujeitas a adquirir incontáveis contornos. Os significados sobre o masculino e as noções de gênero não são categorias estanques, não se esgotando em si mesmas. Tais noções variam entre indivíduos e grupos sociais, no tempo e no espaço.

No esforço de conceituar a masculinidade dos homens pertencentes a coletividade por mim analisada, proponho uma aproximação com o que parte da bibliografia vai denominar de “masculinidade hegemônica” (Connel; Messerschmidt, 2013; Kimmel, 1998;

Almeida, 1996). Por masculinidade hegemônica entendo um modelo central por meio do qual outras formas de masculinidade são inferiorizadas e hierarquizadas. Connell (1995: 76) ressalta que tal conceito não deve ser compreendido como portador de características previamente estabelecidas e amplamente generalizadas, mas sim através de uma posição, sempre contestável, constituída por meio de padrões contextuais.

A masculinidade hegemônica assume o atributo de uma projeção da qual empiricamente apenas uma reduzida quantidade de indivíduos efetivamente assume. Todavia ela carrega forte teor normativo, o que compele aos sujeitos a se posicionem em relação a si – seja na tentativa de se adequar ou na avocação de uma posição hierárquica subordinada.

Tendo em vista que as masculinidades estão inseridas em processos dinâmicos permeados por relações sociais, ressalto a necessidade de uma maior contextualização do que denomino de masculinidade hegemônica de meus interlocutores, sob pena de recair em um conceito abstrato. Me refiro a uma masculinidade hegemônica produzida no interior do microcosmo formado pelas turmas de bate-bolas – participar desses coletivos é uma importante fonte de status e poder entre homens do subúrbio carioca. Dinâmicas sociais e históricas mais amplas, porém, certamente não me permitem estender a hegemonia dessa masculinidade para outros espaços. Nesse sentido, as dimensões de raça e classe trazem uma problemática importante para este trabalho, já que me refiro a uma masculinidade performada em sua maioria por trabalhadores negros.

Meus interlocutores são todos moradores do subúrbio carioca, definição de forte apelo simbólico para os habitantes da região metropolitana da capital fluminense. Trata-se de um espaço social, de fronteiras geográficas incertas, produtor de uma noção de identidade. Na hierarquia social da cidade, o subúrbio costuma ocupar a condição de local de moradia indesejado e seus moradores, os suburbanos, são relegados aos mais baixos patamares (Velho, 1989). Nelson da Nóbrega Fernandes (2011) defende que o processo de construção de um “conceito carioca de subúrbio”, de conotação social em detrimento de seu viés estritamente geográfico, teria como um de seus eixos a desmoralização da classe trabalhadora carioca e de seus locais de moradia.

O sentido pejorativo atrelado à palavra subúrbio pela linguagem carioca igualmente abrange seus moradores e os hábitos destes. Assim como o subúrbio, seus habitantes são permeados por representações produzidas em diferentes meios. As representações sobre os homens suburbanos, negros em sua maioria, com frequência os associam a atitudes “machistas”, “grosseiras” e a uma “malandragem” que lhes seria característica (Souza, 2010). Souza demonstra como veículos de mídia diversos, através da construção de personagens suburbanos em obras literárias e dramáticas, modelam percepções sobre essa parcela da população em um processo contínuo de desqualificação de “homens pobres e negros” (Souza, 2010: 232).

A referência a meu objeto de estudo como uma masculinidade hegemônica não deve ser entendida como uma negação de sua subalternidade em termos mais amplos, quando em relação a outros modelos de gênero, mas sim a partir de um esforço de contextualização dessa

análise. É certo que a condição de hegemonia ou subalternidade de uma masculinidade varia de acordo com a lente que utilizamos para examiná-la.

Temos assim uma definição de masculinidade que se aproxima de um ideal socialmente construído, capaz de estabelecer um horizonte a ser alcançado pelos sujeitos. Trata-se de uma noção por meio da qual os indivíduos pautam suas relações, orientam suas ações, mas da qual jamais se apossam em definitivo. Em suma, um “processo de construção” que demanda uma série de negociações cotidianas, abrangendo um “conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados” (Almeida, 1995: 85).

Reconhecer as masculinidades como elementos norteadores das ações individuais, mas não como um fim em si mesmo, permite nos aproximarmos de uma dimensão fundamental para esse artigo: as motivações pessoais. Tendo por base essa perspectiva de análise, uma questão ganha destaque: o que fazem determinados sujeitos, em determinados contextos, na tentativa de alcançar determinados ideais masculinos? Essa problemática nos permite explorar uma dimensão intencional desse processo, fruto de uma estratégia individual.

Nesse ponto, é pertinente um rápido exame do conceito de “projeto” cunhado por Gilberto Velho (2013). Velho faz uso de tal noção para designar o modo como indivíduos traçam suas ações e lidam com o universo social mais amplo. Um projeto é composto por um conjunto de atos orientados por um objetivo prévio, sendo dependente de um campo restrito de possibilidades preexistentes através do qual um sujeito pode traçar suas escolhas. O projeto pressupõe uma relação, uma consciência individual e uma estratégia que é executada para lidar com possibilidades circunscritas em um quadro sócio-histórico, de modo que não pode haver um projeto individual “isolado”, mas este sempre fará referência a possibilidades presentes no campo do social (Velho, 2013).

Proponho uma aplicação da ideia de projeto como estratégia individual frente a um campo de possibilidades culturalmente limitado, aos estudos sobre gênero. Assim, falo em “projeto de masculinidade” para me referir a um conjunto de estratégias individuais e coletivas das quais um sujeito, ou grupo social, faz uso durante seu processo de construção de gênero. Processo este, como já destacado, que ocupa uma dimensão intencional das ações individuais. Essa perspectiva põe em relevo as relações existentes entre determinadas concepções subjetivas de masculinidade e o que, objetivamente, os atores sociais fazem durante seus processos de construção de identidade.

Nas próximas seções, buscarei destacar a forma como o universo das turmas de bate-bolas se vincula a concepções locais de uma identidade masculina, mas antes algumas breves palavras sobre a manifestação carnavalesca na qual elas se inserem.

A manifestação dos bate-bolas

Os bate-bolas são uma manifestação carnavalesca característica do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Nos dias de carnaval, indivíduos mascarados e fantasiados realizam uma espécie de apresentação na qual celebram a chegada do período momesco, saem as ruas em grupos e circulam por festas que ocorrem em espaços públicos.

O termo “bate-bola” (Figura 1) é utilizado para designar tanto o personagem do carnaval suburbano, com seus trejeitos característicos, como a roupa que este utiliza – que costuma cobrir todas as partes do corpo. As fantasias são variadas, não havendo um único padrão que as identifique, a não ser o fato de serem assemelhadas com palhaços e, em geral, serem volumosas e multicoloridas.



© TAYNÁ RIBEIRO, 2020.

Figura 1. Membro de uma turma veste seu bate-bola. Acervo do autor, 2020.

Os bate-bolas costumam se organizar em grupos, ou turmas, que em toda a cidade somam centenas de associações diferentes, onde cada uma pode ter mais de uma centena de membros. Esses grupos rivalizam entre si em uma disputa que envolve a beleza de suas roupas e uma espécie de prestígio público que cada associação carrega consigo. Não há regulamento, entidade representativa ou qualquer instituição responsável por organizar a manifestação como um todo – cada associação é responsável por si e pelas atividades que promove.

Não é fácil traçar um padrão para aqueles que compõem esses grupos, cada turma atrai integrantes com características que lhe são peculiares. Existem associações formadas em sua maioria por jovens em idade escolar, outras por indivíduos de meia idade, já aposentados, existem ainda aquelas que agregam colegas de bairro, moradores de regiões próximas, outras atraem indivíduos que precisam cruzar a cidade para encontrar seus pares. As motivações que unem esses sujeitos e o perfil das turmas de bate-bolas são bastante diversas, mas há uma variante que perpassa a maior parte dos grupos: o fato de serem compostos quase que exclusivamente por homens suburbanos.

O vínculo entre os bate-bolas e camadas das classes trabalhadora e média da cidade são apontados por diferentes autores. Zaluar (1978) argumenta ser essa uma manifestação perpassada pelos mesmos signos que constituem o subúrbio carioca, de forma que o fato dessa prática estar restrita a esse território lhe conferiria uma certa “invisibilidade” perante

a arena expandida do carnaval do Rio de Janeiro – indiferença similar àquela recebida por aqueles que lá habitam. Apesar de toda a indústria do turismo e da atenção midiática que é voltada ao carnaval da cidade, especialmente no que diz respeito às Escolas de Samba, os bate-bolas permaneceriam próximos ao anonimato, circunscritos a territórios periféricos e pertencentes ao que a autora classifica como um “carnaval subterrâneo” (Zaluar, 1978: 59).

Ainda que falte precisão nos registros históricos existentes, parte da bibliografia sobre a temática indica que os primeiros bate-bolas andaram pelas ruas da cidade durante a década de 1930, no bairro de Santa Cruz, extremo oeste carioca, por meio de militares estrangeiros que estavam em uma base aérea localizada na região e resolveram participar do carnaval da cidade com roupas que lembravam palhaços (Pereira, 2008; Frade, 1979). Diversos estudos apontam para uma diferença fundamental no desenvolvimento histórico da manifestação, de seu início a contemporaneidade: se em seus anos iniciais os bate-bolas estavam restritos a uma prática individual, no máximo realizada em pequenos grupos de sujeitos que se uniam de forma esporádica, nas décadas seguintes eles gradualmente se complexificaram, tornando-se uma prática coletiva e rompendo os limites de sua dimensão festiva (Ribeiro, 2021; Pereira, 2009).

© TAYNÁ RIBEIRO, 2021.



Figura 2. A "bola". Acervo do autor, 2021.

Os anos de 1970 e 1980 marcam a formação das primeiras associações conhecidas como turmas de bate-bolas (Ribeiro, 2021). Nesse período, foi realizado o primeiro concurso de fantasias de bate-bolas da cidade, organizado por um comerciante da região de Marechal Hermes de nome Magalhães. A competição festiva, que se estendeu ao longo das décadas seguintes e inspirou a criação de muitos outros certames parecidos, foi responsável por impulsionar o surgimento de novas turmas e estruturar as poucas que até então existiam. O fato de, a partir do final dos anos 1970 e início dos 1980, ter sido organizado o concurso de Magalhães, com regulamento e categorias de premiação próprios, levou uma parcela daqueles inseridos no universo bate-bola a adotar padrões comuns em suas roupas e performances, de modo a se adequar as exigências do prêmio e, assim, poderem competir entre si. Esse movimento é um dos principais responsáveis pela organização e multiplicação das turmas de bate-bolas contemporâneas (Figura 2).

Esse período histórico é fundamental para a consolidação do modelo assumido pelas turmas e, para além do concurso de Magalhães, é caracterizado por uma intensa troca de experiências entre diferentes manifestações culturais que coexistiam, e ainda coexistem, no subúrbio carioca, dentre as quais destaco três: (1) as galeras funk, grupos de dançarinos que disputam entre si nos bailes funk, festas onde se escuta e dança a música funk; (2) as turmas de baloeiros, coletivos que produzem, soltam e capturam balões; (3) e as torcidas organizadas de clubes de futebol, associações que aglutinam e engajam torcedores em prol de um time. Todas são manifestações com forte recorte de gênero, com predominância de sociabilidades masculinas, que promovem atividades exclusivamente em zonas suburbanas e periféricas (com exceção das torcidas organizadas, que se espalham por toda a cidade) e se organizam em grupos atravessados por fortes rivalidades para com seus pares. Destas, apenas as galeras funk não são mais encontradas, ao menos facilmente, na cidade do Rio de Janeiro.

Assim como nos anos 1970 e 1980, ainda há uma intensa troca entre sujeitos que vivenciam essas diferentes expressões culturais, sendo comum que membros de turmas de bate-bolas também participem de grupos de baloeiros, de torcidas organizadas ou, em décadas passadas, de galeras funk, criando um amplo sistema partilhado. Essa circulação favoreceu o desenvolvimento dos grupos de bate-bolas em conjunto com as demais manifestações citadas e produziu diversas semelhanças entre elas.

As turmas de bate-bolas contemporâneas são verdadeiros espaços de sociabilidade responsáveis pela produção de identidades coletivas (Pereira, 2008; Carneiro, 2007). Carneiro (2007: 151) destaca a existência de um “sentido de pertencimento” que acompanha os membros desses grupos e que é responsável pela organização de suas experiências de vida de forma ampla, mesmo fora dos períodos carnavalescos. A participação nessas coletividades fundamenta e organiza as relações sociais de uma parcela significativa dos habitantes do subúrbio carioca.

A manifestação dos bate-bolas se mostra capaz de reproduzir sentidos diversos, estando permeada pelas mais variadas dimensões da vida social, dentre as quais, noções de gênero. Nesse contexto, ao assumir uma perspectiva de análise de gênero, especialmente no que se refere ao campo das masculinidades, me interessa em abordar de modo específico as ações que os membros desses coletivos realizam junto a seus pares nos espaços de

homossociabilidade promovidos pelos grupos. Mas que masculinidade é partilhada pelos integrantes de uma turma de bate-bolas? Que mecanismos são acionados por esses sujeitos durante seus processos de construção de identidade? Me dedico a responder essas questões a seguir.

A turma e os bate-bolas

A partir dessa seção, direciono a análise a aspectos etnográficos de minha pesquisa junto a uma turma de bate-bolas do Rio de Janeiro. Trata-se de resultados de um trabalho de campo realizado entre os anos de 2019 e 2021, ocorrido em um bairro do subúrbio carioca, em uma localidade pertencente à assim denominada Zona Norte da cidade.¹ Durante a pesquisa, integrei essa coletividade na condição de um de seus membros e pude acompanhar todas as atividades por ela promovidas, desde a preparação para o período carnavalesco - que se estendeu entre os meses de abril e janeiro - até a festa propriamente dita, ambas ocorridas em fevereiro.

Minha entrada em campo foi possibilitada por contatos prévios realizados com um dos integrantes do grupo de bate-bolas, Adão - pseudônimo do líder e fundador da turma -, nos quais pude explicitar meus interesses de pesquisa. Após as conversas iniciais, fui convidado a participar de um encontro com outros membros do coletivo onde, caso aceito pelos demais, passaria a integrá-lo.

No dia e hora indicados, me dirigi a uma rua do subúrbio carioca e estabeleci o primeiro contato visual com uma reunião de membros da turma de bate-bolas: cerca de vinte homens posicionavam-se ao redor de uma churrasqueira improvisada e mantinham conversações entre si ao ritmo de músicas funk. Ao me aproximar de Adão, logo fui avisado de que aquele era um espaço para “socializar com a rapaziada”, e em seguida passei a ser apresentado aos demais presentes. Após algumas horas de conversas casuais (muitas das quais causando acaloradas discussões sobre a última rodada de um campeonato regional de futebol), Adão questionou se estava disposto a integrar o grupo. Com meu aceno positivo, e o consentimento dos demais, passei então a ocupar a posição de pesquisador/membro da turma de bate-bolas durante os dois anos de trabalho de campo.

A turma é composta por um conjunto variável de indivíduos. Apesar de uma parcela significativa de seus componentes permanecerem por anos seguidos, ou mesmo por décadas, na condição de integrantes, a cada ano há um fluxo de renovação no qual uma parcela destes se afasta e uma nova se aproxima. Dessa forma, a composição do grupo se mantém em constante alteração, bem como o somatório daqueles que o integram. Durante os anos em que a pesquisa foi conduzida, o coletivo contou com uma média de 200 membros, todos homens.

¹ As dinâmicas impostas pela declaração de um “estado de pandemia” no período citado, motivadas pela disseminação do vírus SARS-CoV-2, não afetaram significativamente as atividades da turma de bate-bolas. Apesar do cancelamento da festa carnavalesca de 2021 por parte das autoridades municipais, os preparativos para o carnaval dos bate-bolas daquele ano, bem como a festa propriamente dita, ocorreram dentro do que pode ser considerado um padrão de normalidade.

Não há uma regra explícita que proíba a entrada de mulheres – o que já ocorreu, sempre em pequeno número -, mas há um consenso dos membros de que a turma não é um espaço para elas, de forma que qualquer tentativa de aproximação não costuma ser bem-recebida.

Em meio ao universo carnavalesco da cidade, é comum a defesa da ideia de que outras manifestações, como as Escolas de Samba e os blocos de rua, sejam espaços mais “apropriados” para a participação feminina. Essa divisão, inclusive, pode gerar tensões para os membros da turma de bate-bolas, já que boa parte deles são casados ou mantêm relacionamentos estáveis. Durante um dos encontros entre os componentes do grupo, e quando já nos aproximávamos do início do período momesco, um interlocutor queixou-se de ter que se ausentar das atividades por conta de sua esposa: “Minha mulher está me pressionando para não estar com vocês no carnaval. Ela gosta disso, não tem jeito, e quer eu acompanhe naqueles blocos de rua do Centro”. Não havia, para meu interlocutor, a opção de partilhar os ritos da turma com sua parceira. Ao menos para os dias de carnaval, ele se via coagido a escolher entre se afastar de seus pares ou de sua esposa.

Os integrantes do grupo de bate-bolas possuem idades variadas que abrangem desde crianças que aos poucos aprendem a se portar em meio a esse universo – sempre acompanhadas por algum familiar próximo e que geralmente também faz parte do coletivo –, até homens de meia-idade, aposentados e com décadas de atuação no universo dos bate-bolas. Não existe um padrão que determine a aceitação de alguém na turma, mas conhecer previamente algum dos componentes certamente facilitará o ingresso do postulante. Nesses casos, ser “amigo de”, “irmão de”, “vizinho de”, entre outras expressões que denotem redes de relações prévias são importantes chaves de acesso.

Cada integrante exerce as mais diversas atividades em sua vida cotidiana. No interior de seus núcleos familiares, são filhos, pais, avôs, tios etc.; profissionalmente, são militares, policiais, funcionários públicos, comerciantes, vendedores ambulantes, cinegrafistas, atletas profissionais, entre outros; em momentos distintos são ainda sambistas, MCs, DJs, pichadores, ou membros de torcidas organizadas de clubes de futebol. Porém, uma vez inseridos nos ambientes promovidos por sua turma de bate-bolas, eles devem, antes de qualquer coisa, se adequar ao espaço simbólico exclusivamente masculino por ela gerado.

Uma série de atividades são desenvolvidas pela turma e preenchem um farto calendário anual. As reuniões entre seus membros, que servem de preparação para o período carnavalesco, ocorrem de forma sistemática, com regularidade variável – a frequência mínima para os encontros é mensal, mas estes também podem ser realizados semanalmente -, sempre aos domingos. Outros eventos ainda podem ser organizados, como a celebração de aniversário do grupo, que são esporádicos e geralmente adquirem um caráter público, podendo atrair componentes de outras associações.

Os encontros sociais costumam ocorrer em uma mesma localidade, o trecho de uma calçada pública, as margens de uma movimentada via, especialmente preparado para as reuniões (Figuras 3 e 4). O local contém uma série de figuras e imagens que remetem ao grupo, de modo que, mesmo em dias em que não há reunião, qualquer um que atravesse o espaço o reconhece como ponto de encontro da turma.



Figuras 3 e 4. O espaço do encontro. Acervo do autor, 2020.

As reuniões são grandes festividades que envolvem conversações entre os integrantes, o consumo de bebidas alcóolicas e, na maioria das vezes, a realização de “churrascos”. As batidas graves e uniformes da música funk também estão sempre presentes.

Os encontros mantêm esses homens em constante interação, gerando um importante espaço de homossociabilidade. Durante uma das primeiras reuniões que acompanhei, e logo assim que eu chegara, um dos membros do grupo se aproximou e comentou: “aqui todo mundo está junto, cara. Onde tu parar é para ‘trocar uma ideia’, ‘dá um papo’ aqui, outro lá, todo mundo está aberto para conversar. Esse é o intuito disso aqui”. As conversas, em sua ampla maioria, possuem como tópico principal o universo das turmas de bate-bolas da cidade.

A cada nova reunião, novas histórias me eram narradas em forma de conversas casuais, a exemplo de quando, estando em um dos encontros, ouvi um “chega mais”, sinalizando um convite para que me juntasse a um pequeno grupo que mantinha conversações animadas. Nele, um membro da turma contava sobre suas lembranças de um período carnavalesco: “as outras turmas cruzavam com a gente e abriam o caminho, todo mundo saía da frente. O nome disso é respeito. A única derrota que me lembro foi aquela lá [disse apontando para outro integrante, que respondeu com um aceno positivo], mas também, só tinham 12 nossos”. A conversa continuou com cada um contando suas vivências. “Seu primeiro ano, não é?” [me questionou outro componente], emendando sem esperar resposta: “depois não vai querer saber de outra coisa. Nenhuma turma é igual essa aqui. Estou aqui desde 2007. Já fiz parte de várias outras, mas nada é como isso aqui”. Após abrir uma lata de cerveja e dar alguns gols, continuou: “Eu que desenhei o bate-bola de 2017, branco e dourado, nunca vi mais bonito”. Caso a caso, aqueles homens contavam suas experiências, impressões e versões sobre suas trajetórias no universo bate-bola. A memória discursiva e a autoafirmação caminham de mãos dadas.

O fomento de uma memória coletiva é um dos valores exercitados ao longo dos encontros. Parte significativa das conversas que ocorrem nas reuniões é dedicada a explanação de histórias que contam experiências individuais durante atividades promovidas pela turma. Trata-se de uma prática realizada especialmente dentre aqueles mais antigos no

grupo e que, entre casos pessoais e outros mais abrangentes, demonstram domínio da história do universo bate-bola.

Toda a organização interna da coletividade descrita até aqui é acompanhada de uma hierarquia de aversões e simpatias para com outros grupos semelhantes. Os espaços de encontro decorrentes das atividades promovidas pelo grupo, responsáveis por manter seus membros em constante interação, produzem certas sociabilidades que, ao mesmo tempo em que reforçam uma coesão interna, fomentam rivalidades para com outros grupos. Esses antagonismos formam o principal meio de interação entre as turmas, que têm no conflito um mecanismo fundante de unidade (Simmel, 1983). Desse modo, a adesão desses sujeitos a turma é acompanhada pela formação de uma identidade contrastiva que, ao passo em que forja uma noção de pertencimento a coletividade escolhida, é pautada pela rivalidade para com outros grupos.

Assim, os confrontos entre os coletivos, em parte caracterizados por embates físicos, refletem rivalidades prévias e organizam a distribuição de prestígio público no universo dos bate-bolas. “No meu tempo”, certa vez comentou um integrante, “ninguém parava a gente. Lembro de uma vez que a gente voltou de Irajá ‘levantando geral’, toda turma de bate-bola que passava na frente a gente ‘levantava’. Não sobrou uma”, disse em tom orgulhoso, completando em seguida: “naquela época, você não entrava aqui [apontando para mim], era só quem tinha convite. Só entrava na turma quem era convidado. Podíamos ser só 40, mas eram 40 com *disposição*. Na hora da porrada, ninguém ‘arregava”.

Para os membros da turma de bate-bolas, a manutenção de uma posição sólida em uma contenda é uma atitude de grande valor. Seja a querela verbal, física, ou apenas latente, demonstrar prontidão para ir até as últimas consequências de seus atos é fundamental para a performance masculina. Mais do que a ação em si, tal demonstração está no cerne da categoria *disposição*.

As características que atravessam a categoria *disposição* concretizam muitos dos embates físicos entre turmas que tive ciência através das histórias que me foram narradas. São ações possivelmente consideradas violentas que se inserem em um emaranhado simbólico. Fátima Regina Cechetto (2004) narra a existência de uma categoria similar a descrita aqui entre galeras funk do Rio de Janeiro. No contexto descrito pela autora, a categoria *disposição* estaria relacionada a homens que apresentam comportamento violento nos bailes funk, inclusive com uso de força física e/ou armas de fogo, sendo signo de virilidade (Cechetto, 2004: 115). Cechetto defende que, assim como as masculinidades, a violência masculina não deve ser encarada como um fator universal. A contextualização de tais noções se faz imprescindível no seu exame, pois “trata-se de examinar de que violência se fala e a que masculinidade se está referindo” (2004: 38). Entre os bate-bolas, vemos que a categoria *disposição* é caracterizada por uma noção de recusa em temer as consequências de seus atos uma vez que um sujeito se sinta publicamente desafiado, seja qual for esse desafio.

As relações mantidas no interior da turma de bate-bolas permeiam parte significativa do universo cotidiano dos membros do grupo. Há todo um sistema de expressão cultural que é manifestado nos espaços de encontros e que pode ser percebido em outras esferas de suas vidas. Esses atores se orgulham de pertencer ao grupo, exibem signos distintivos com o nome

da turma durante seus afazeres diários, como camisas e bonés, e demonstram grande prazer ao contar histórias sobre suas experiências no grupo.

Internamente à turma de bate-bolas, uma série de outros pequenos grupos são formados. Estes são compostos por sujeitos com laços de amizade mais antigos e que costumam promover atividades conjuntas mesmo fora das datas destinadas às reuniões. Estes costumam partilhar momentos de lazer, como idas a bares e boates, disputar campeonatos esportivos amadores, frequentar cerimônias familiares, entre outros aspectos de suas vidas cotidianas que, em princípio, não possuem relação direta com o grupo de bate-bolas que integram. Parte significativa da vida social desses homens é compartilhada com seus pares de turma.

Entre os membros da turma de bate-bolas, há uma expressão amplamente utilizada para denominar a si mesmos: *bate-boleiro*. Tal designação está atrelada a uma noção de status da qual fazem jus os homens capazes de conduzir suas relações de um modo publicamente bem-visto - noção esta que se desdobra nas mais diversas esferas da vida social. Em geral, são homens que demonstram comprometimento com a turma, ou seja, não apenas se inserem no grupo, mas participam ativamente dos encontros, auxiliam nos preparativos das fantasias e compartilham das atividades proposta pelo coletivo dentro e fora do período carnavalesco. Tal categoria rompe claramente as fronteiras de um universo festivo e atravessa a vida cotidiana desses sujeitos.

Ser *bate-boleiro* não é uma demonstração de habilidades inatas, mas sim um status adquirido através de um conjunto de ações chanceladas publicamente. Trata-se de uma noção que está no cerne de um processo de construção e afirmação, simbólica e prática, de uma noção local de masculinidade.

Enquanto espaço de formação de um *ethos* que moraliza a vida cotidiana de seus membros, a turma de bate-bolas é responsável pela produção e reprodução de masculinidades dos homens que nela se inserem. A participação ativa no coletivo confere status aos sujeitos entre seus pares, é fonte de poder frente aos integrantes de grupos rivais e está inserida nos projetos de masculinidade de cada indivíduo. A relação entre projeto de masculinidade e a participação na turma de bate-bolas fica mais evidente ao examinarmos a trajetória individual do líder e fundador do grupo, como veremos a seguir.

Liderança e estratégia

Proponho a partir de agora uma especial atenção a biografia de Adão que, em muitos aspectos, tem sua história de vida intimamente associada à sua trajetória frente a turma. Adão é um homem negro, militar aposentado das forças armadas, que fundou sua turma de bate-bolas durante a adolescência junto com amigos de bairro nos anos 1970. Nossas conversas, sempre de forma casual, ocorreram especialmente durante as reuniões da turma, ao longo dos dois anos de trabalho de campo.

O grupo de bate-bolas surgiu como uma atividade sazonal, na qual alguns amigos se juntavam para produzir uma fantasia e se divertir nos primeiros meses do ano, entre janeiro e março. Terminado o carnaval, as atenções eram voltadas para a soltura e a captura de balões, atividade que ganhava fôlego em meados de cada ano, especialmente entre maio e

agosto. A ida aos bailes funk do subúrbio e a participação em “galeras funk” eram outras atividades presentes em suas memórias do período. Tratava-se, portanto, de um grupo de amigos relativamente coeso que buscava se divertir.

Durante os anos 1980, Adão e sua turma de bate-bolas se tornaram conhecidos no bairro onde residem desde a infância. As belas fantasias e a “zoação” de seu grupo atraíram uma grande quantidade de sujeitos que gostariam de se juntar a ele, fazendo de seu líder uma figura com certa importância na vizinhança. Com o crescimento do coletivo, Adão se viu com responsabilidades cada vez maiores, de forma a não ser mais possível se dedicar a manifestação dos bate-bolas apenas em um curto período do ano. Tais demandas fizeram com que se afastasse do universo dos balões, onde participava de um grupo de baloeiros, para se dedicar exclusivamente aos bate-bolas, onde despontava como uma liderança.

Os anos 1990 foram um período de consolidação do prestígio da turma e de seu líder. A quantidade de interessados no grupo era tamanha que uma seleção era feita e poderiam entrar apenas os “convidados”, escolhidos por Adão com base em um critério: ter *disposição*. Eram frequentes os confrontos físicos envolvendo outras turmas, “o que hoje já não é tão necessário”, garantiu certa vez. Esses embates se davam especialmente no período carnavalesco, quando os coletivos circulavam pelas ruas do subúrbio e o encontro entre eles era inevitável (Figuras 5 e 6). Enquanto a fama de Adão aumentava pelas vitórias de sua turma nos embates com outros agrupamentos, outra importante fonte de status eram os concursos de fantasias de bate-bolas. Nos anos 1990, Adão ganhou por duas vezes o certame promovido por Magalhães no bairro de Marechal Hermes, o mais importante da época.

© TAYNÁ RIBEIRO, 2021.



Figuras 5 e 6. Os bate-bolas saem às ruas. Acervo do autor, 2021

O vínculo entre o prestígio da turma de bate-bolas e o prestígio pessoal de Adão se torna ainda mais evidente nos anos 2000. Ambos já eram conhecidos no universo dos bate-bolas, com uma fama que se estendia muito além das fronteiras de seu bairro. “Algumas turmas me procuravam e pediam para juntar com a gente, para juntar e fazer uma turma só, mas eu sempre recusei”, conta Adão sobre o interesse de outros coletivos em se aproximar do seu. Nesse período, o fundador do grupo se afastou da liderança por três anos, únicos momentos em que se distanciou em quase cinco décadas, pois “alugou” sua turma a um

“patrocinador”. Os patrocinadores são sujeitos que pagam um valor pecuniário ao líder do grupo para assumir temporariamente a liderança, na tentativa de transferir parte do prestígio público da turma de bate-bolas para si. Além do valor devido a Adão, o patrocinador teve que providenciar parte do custeio das fantasias daqueles anos, como forma de garantia da continuidade das atividades. Trata-se de uma espécie de patronagem, similar a existente em algumas Escolas de Samba da cidade, mas que não é uma prática tão difundida entre as turmas de bate-bolas. Apenas grupos de considerável destaque, capazes de transferir parte de seu prestígio ao patrocinador, são passíveis dessa operação.

Entre os bate-bolas, o líder da turma é o responsável por organizar todas as atividades. É ele quem determina os padrões a serem seguidos na produção das fantasias, quem estabelece data, hora e o local das reuniões, além de representar publicamente o coletivo. Trata-se de uma posição altamente valorizada.

Na hierarquia do grupo, logo abaixo da liderança estão os membros da “diretoria”. Todo o esforço de organização da turma de bate-bolas ocorre de forma ordenada através dos membros dessa pequena equipe. A diretoria é composta por Adão, líder e fundador do grupo de bate-bolas, e por outros quatro integrantes que o auxiliam na condução dos trabalhos, todos indicados por ele, selecionados entre os demais membros da turma por serem seus “homens de confiança”. A quantidade e a composição dos membros da diretoria são flexíveis, podendo ser alteradas a depender de sua vontade. Para postular um lugar na diretoria, o integrante deve dominar os saberes necessários para a produção da fantasia de bate-bola – conhecendo os mais variados fornecedores de adereços, prestadores de serviços, matérias-primas e técnicas de fabricação – além de demonstrar comprometimento e *disposição*. Todos os demais integrantes do coletivo são chamados de “componentes”, são centenas de indivíduos das mais variadas origens que decidiram se juntar a turma de bate-bolas e participar das atividades promovidas por ela.

As intervenções públicas de Adão em sua turma costumam emular os ambientes militarizados com os quais conviveu ao longo de sua vida profissional nas forças armadas. As cobranças por maior comprometimento são constantes em suas falas, exercendo um papel fundamental na manutenção do engajamento de cada componente para com o grupo. “Papo reto, papo de homem”, iniciou assim Adão sua fala ao juntar todos os presentes em um dos encontros, e seguiu dizendo: “como pode uma turma com 200 componentes só ter aquela meia dúzia presente na última reunião? Da próxima vez que tiver uma reunião da turma, tem que comparecer. Se não aparecer, estará fora para o bem da disciplina”.

A liderança da turma exige de quem a ocupa um reconhecimento prévio de suas qualidades enquanto “homem de verdade”, e sua manutenção na posição demanda a constante reafirmação desse status. O tom escolhido por Adão para sua fala não é apenas publicamente aceito, mas é, sobretudo, publicamente esperado. As alegorias presentes em sua fala carregam características consideradas fundamentais para o homem que lidera o grupo. Não é uma tarefa fácil manter um grupo ativo e numeroso durante décadas, fato que agrega a Adão notável reconhecimento.

Disciplina e hierarquia são valores profundamente estimados no cotidiano da turma de bate-bolas. É importante que os pagamentos das mensalidades, que financiam a produção

das fantasias, ocorram nas datas determinadas e que as reuniões estejam sempre cheias. Desse modo, o planejamento para a confecção da fantasia de bate-bola se torna mais eficiente, evita-se os altos preços cobrados por adereços carnavalescos quando próximo ao carnaval e o fluxo de informações internas é facilitado.

Dado os códigos de virilidade partilhados entre os homens que integram o grupo, seu líder ocupa uma posição privilegiada quando comparado aos demais. A composição hierárquica da turma espelha uma hierarquia de masculinidades, de modo que Adão detém um status que lhe agrega poder à custa de outros membros, em uma estrutura que o concede uma posição próxima ao que Welzer-Lang denomina de “grande-homem” (Welzer-Lang, 2001: 466).

A participação na turma de bate-bolas é uma importante fonte de status e poder para Adão e para os demais componentes. Nesse sentido, ocupar uma posição de liderança exige uma permanente autoafirmação. Ao longo de suas décadas frente a turma de bate-bolas, Adão fez uso de uma série de estratégias que lhe agregaram prestígio, tornando-se um representante da masculinidade dos *bate-boleiros*.

A longevidade de Adão na liderança do grupo está diretamente relacionada ao apreço público por ele conquistado no universo bate-bola, denominado de *respeito*. Sua trajetória pessoal e a trajetória de sua turma lhe conferem o *respeito* necessário para se manter nessa posição. Ao longo dos anos, Adão demonstrou habilidade no que se refere a organização de sua turma, conseguiu atrair uma quantidade considerável de componentes para seu grupo, ganhou concursos de fantasias carnavalescas, produziu trajes com beleza publicamente reconhecidas e conquistou fama pelos confrontos físicos envolvendo outras turmas nos quais saiu vencedor. Trata-se dos principais fatores que compõem o seu projeto de masculinidade entre os *bate-boleiros*.

Se considerarmos essa masculinidade não como algo estático, mas sim dinâmico, constantemente negociado através de estratégias individuais e coletivas, vemos que o projeto de masculinidade de Adão está intimamente associado à sua participação na turma, de modo que sua performance de gênero encontra no grupo um espaço onde pode se atualizar e se reproduzir.

Considerações finais

Ao longo desse artigo, destaquei que o imaginário compartilhado sobre o que é ser homem para os membros da turma de bate-bolas por mim analisada recai sobre uma categoria, o bate-boleiro. Isso não deve significar, porém, qualquer aproximação a um viés essencialista. Nenhum desses sujeitos, de fato, pode ser apontado como um representante permanente de tal categoria de gênero. Nenhum indivíduo está restrito a uma identidade, e qualquer identidade está sujeita a interpretações, manipulações e/ou modificações. As identidades de gênero são uma produção humana em permanente movimento.

O universo das turmas de bate-bolas é formado por atores sociais que se identificam como iguais e partilham de um mesmo conjunto simbólico. A vivência dos sujeitos nesses espaços é acompanhada pela partilha de uma série de signos comuns, que dizem respeito a um sistema social complexo em estado permanente de construção. No decorrer do texto,

busquei demonstrar como essas coletividades características do subúrbio carioca produzem espaços de homosociabilidade responsáveis pela construção de masculinidades entre seus membros. As atividades promovidas pelos grupos mantêm seus integrantes em constante relação, contribuindo para a formação de uma coletividade integrada e formando o cenário necessário para a execução de suas performances de gênero.

Nesse contexto, pensar em projetos de masculinidade me permitiu, primeiramente, reconhecer o caráter multidimensional e dinâmico das identidades de gênero. Essa perspectiva possibilita enxergar que os atores sociais fazem um uso consciente de uma espécie de “margem de manobra”, traçando suas ações no interior de um repertório cultural limitado. Pensar em projetos de masculinidade igualmente visou destacar as motivações que levam um grupo específico de sujeitos a produzir uma identidade em particular. Assim, entendendo o gênero como uma dimensão fundamental para a análise da manifestação produzida pelas turmas de bate-bolas do subúrbio carioca.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel Vale de. 1996. “Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal”. *Anuário Antropológico*, vol. 20, n. 1: 161-189.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. 1995. *Senhores de Si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Etnográfica Press.
- CARNEIRO, Sandra de Sá. 2007. “Carnaval na periferia: as turmas de Clóvis”. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, vol. 4, n. 1: 144-152.
- CECCHETO, Fátima. 2004. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV.
- CONNELL, Raewyn. 1995. “The social organization of masculinity”. In: *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.
- CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. 2013. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 21, n. 1: 241-282. DOI 10.1590/S0104-026X2013000100014
- FERNANDES, Nelson da Nóbrega. 2011. *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro (1858-1945)*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- FRADE, Cáscia. 1979. *Folclore brasileiro: Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Funarte.
- KIMMEL, Michael S. 1998. “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. *Horizontes Antropológicos*, vol. 4, n. 9: 103-117. DOI 10.1590/S0104-71831998000200007
- PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. 2009. “Os bate-bolas do carnaval carioca contemporâneo: dinâmicas e disputas simbólicas”. In: CAVALCANTI, Maria Laura; GONÇALVES, Renata (Org.). *Carnaval em múltiplos planos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.
- PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. 2008. *Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

- RIBEIRO, Taynã Martins. 2021. *Jogo de máscaras: um estudo antropológico sobre bate-bolas, subúrbios e masculinidades*. Niterói, Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense.
- SIMMEL, Georg. 1983. “A natureza sociológica do conflito”. In: MORAES FILHO, Evaristo (org.). *Simmel*, São Paulo, Ática.
- SOUZA, Rolf Malungo de. 2010. “As representações subalternas dos homens suburbanos”. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (Orgs.). *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: EdUFF.
- VELHO, Gilberto. “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In: VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VELHO, Gilberto. 1989. *A utopia urbana*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- WELZER-LANG, Daniel. 2001. “A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia”. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 9, n. 2: 460-482. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>
- ZALUAR, Alba. 1979. “O Clóvis ou a criatividade popular num carnaval massificado”. *Cadernos CERU*, n. 11: 50-62.

sobre o autor

Taynã Martins Ribeiro

Doutorando e mestre em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Autoria: O autor é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Não houve financiamento.

Recebido em 18/11/2021.

Aprovado para publicação em 19/04/2022.